A Renovação da Democracia nos protestos do Brasil de 2013[1]

Jaime Oliva
Doutor em Geografia Humana, professor e pesquisador
do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo

Aline Khoury
Mestre em Sociologia, produtora do projeto *Como Pensar o Brasil Hoje*
do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo

Introdução

Num cenário no qual as sondagens de popularidade dos governantes eram positivas, em especial a da presidente Dilma Roussef (57% de ótimo e bom), e que a imagem do Brasil para os brasileiros (e no exterior) pareceria ser, ao menos, razoável, ocorrem no Brasil, repentinamente, os maiores protestos populares dos últimos 20 anos. Um ministro do Supremo Tribunal Federal assim expressou o espanto: *"... fomos dormir pensando ser a Alemanha e acordamos na Bolívia".* A surpresa pode revelar certa alienação, mas em certa medida se justifica, pois a despeito de algumas oscilações nos números da economia o contexto nesse campo está longe de ser desesperador e todos reconhecem um potencial importante de crescimento econômico para o país.

[1] Publicado sob o título *Renewal of Democracy in Brazil's Protests* In Economic & Political Weekly, Journal » Vol. 48, Issue No. 29, 20 Jul, 2013

Porém, os protestos se multiplicam e sua capacidade de pressão sobre as instituições do estado brasileiro ainda está se exercendo com muita energia. E tudo indica que essa situação vai perdurar. O que acontece? De início dois aspectos merecem alguns comentários:

1. O que acontece certamente não diz respeito ao que as sondagens estatísticas feitas pelas empresas de pesquisa eleitoral[2] percebiam e percebem. E aqui vale a pena notar: essa maneira de sondar o prestígio dos governantes, que faz uso de metodologias estatísticas, obtém informações de pessoas já definidas de antemão como eleitores, o que já é uma redução do cidadão. As recorrentes manifestações de um cidadão como eleitor não dizem respeito a tudo o que cada um pensa e sente. No final das contas, obtêm-se informações simples e codificadas pelos planejadores da sondagem, o que obviamente não coincide com o que pesquisado manifestaria espontaneamente. Daí a surpresa, a população brasileira tinha insatisfações represadas não só pelos seus governantes e outros atores de peso, mas também pelas pesquisas. Os efeitos desse fenômeno geram uma reiteração de desconhecimentos e de afastamentos em relação aos problemas sociais, visto que os governantes, em boa medida, orientam suas ações com base nessas sondagens. E mesmo agora com o fracasso retumbante dessas sondagens, elas permanecem sendo feitas em profusão para saber que Brasil é esse que protesta, que prestígio tem agora os governantes, sempre com o mesmo reducionismo anterior.

[2] Algumas dessas empresas são de propriedade de empresas de comunicação.

2. O que acontece também escapa do olhar economicista e tecnocrático que reduz o país (e de resto as sociedades contemporâneas) à dimensão econômica. Aliás, dimensão econômica reificada, transformada em técnica obscura e que possui parâmetros de avaliação, que são na verdade de auto-avalição: quem avalia se a economia vai bem não é o conjunto social com toda sua complexidade, são os próprios operadores de uma vida econômica transcendental. Os governantes do Brasil e o estado brasileiro de modo geral, assim como boa parte dos analistas que tem voz, se expressam por meio desse olhar, olhar esse que constrói visões do país, que agora desmoronam.

Quem sabe um dos ganhos mais importantes para o futuro, herdado dos protestos não venha a ser um arejamento no modo de se obter conhecimento sobre a vida social e uma abertura radical para a complexidade da realidade.

Os ingredientes que desencadearam os protestos

Os regimes políticos que se sucederam no Brasil contemporâneo, a despeito da elevação gradual do teor democrático que foi se dando, sempre (e ainda) lidaram muito mal e agressivamente com movimentos e protestos sociais. O tom, em geral, é que protestos e movimentos sociais fazem mal e são contra o país. Velha postura ideológica, muito debatida e até superada intelectualmente, mas que sobrevive e impregna o sistema midiático do Brasil. E não se trata aqui de nenhum ranço contra a "mídia", mas sim uma caracterização que reconhece o papel fundamental desse sistema no complexo sociocultural, como elemento fundamental na formação do espaço público e por decorrência,

como elemento de construção da opinião pública. Não há discussão séria sobre a identidade contemporânea que abstraia a atuação do sistema midiático, como estabelece o filósofo Jean-Marc Ferry.[3] A clássica intolerância dos meios de comunicação contra os movimentos sociais e situações de protesto, para além das posições pessoais e empresariais de seus proprietários, relaciona-se com uma situação anômala. Sempre que um movimento social que reivindica e que protesta se destaca ele passa a ser tratado como algo fora da sociedade. Há a sociedade e o movimento. Um exemplo interessante e recente na história do Brasil: foi alterada a lei que ordena o uso do território brasileiro no que diz respeito a relação com as características físicas desse território (quanto pode se desmatar, como de deve preservar o meio ambiente, por exemplo). Várias posições controversas estavam em confronto e o sistema midiático tratou isso como uma disputa entre os ambientalistas e os fazendeiros, e a sociedade como outra coisa, que estava apenas assistindo isso. Ora, o sistema midiático gosta de se colocar como representante da sociedade, e se os movimentos sociais não são a sociedade, o sistema não os reconhece e sempre falam em "nome da sociedade" contra as inconveniências dos movimentos. Nos protestos atuais do Brasil esse comportamento do sistema midiático foi um combustível para a multiplicação explosiva dos protestos.

Os meios de comunicação, em geral, recomendaram na primeira e pequena onda de protestos contra o aumento das passagens dos transportes urbanos que as forças policiais reprimissem com rigor as manifestações dos jovens descontentes.

[3] In *Les Puissances de l'experience* (1991, p. 69).

Ora, esses jovens pertencentes a um movimento organizado que há dez anos reivindica políticas públicas na área dos transportes foi tratado como um bando de alienígenas, não pertencentes à sociedade, párias desocupados de classe média. Crentes também que a sociedade real tinha uma opinião coincidente com a do sistema midiático (como se isso fosse a mesma coisa), os governantes entusiasmaram-se em seu empenho em restabelecer a ordem pública. Com esses incentivos a polícia, normalmente violenta e portadora de um "rancor social natural" contra movimentos e protestos sociais, foi a campo com armamento apropriado para atuar contra manifestações que querem derrubar o governo. A violência foi grande e as violações aos direitos de manifestação se generalizaram. No dia seguinte, os protestos se alastraram pelo país escancarando o abismo existente entre as representações do sistema midiático e a realidade. Pois foi revelando a real opinião pública que os protestos cresceram, inclusive quanto ao tratamento dado a ele pelos meios de comunicação. Com um mínimo de auto-crítica, 48 horas depois, o sistema midiático de forma generalizada estava apoiando os protestos e se colocando à disposição para canalizar todos os anseios dos manifestantes, agora vistos como pertencentes à sociedade brasileira. Mas esse seu apoio não evitou que se generalizassem reações contra os meios de comunicação, inclusive com muita desconfiança sobre as "reais intenções" dessa súbita simpatia pelos movimentos. Muitos disseram (e estão dizendo) que agora a mídia estaria atuando de modo a dispersar a pauta de reivindicações que originaram a onda de protestos, descaracterizando-a e tornando-a, assim, inócua. O que é flagrante no novo comportamento dos meios de comunicação é um clamor

para que os protestos e os movimentos sociais atuem dentro da ordem, o que termina revelando ainda a profunda alienação dessa cultura que clama para que protestos contra a ordem vigente se deem dentro da ordem vigente.

Não se pode atribuir às reações contra a violência policial e contra a constante criminalização e desqualificação dos movimentos sociais e dos protestos sociais a razão principal dessas manifestações que percorreram o país, elas funcionaram como combustível para trazer à luz de dia um Brasil real, que se encontrava em condição subterrânea, uma realidade sufocada por um jogo de ilusões que perdeu sua eficácia no momento que estamos vivendo.

A polifonia dos protestos

Esses protestos no Brasil não cessam de surpreender. Se inicialmente eles possuíam alguma organização, embora não muito convencional, no seu desdobramento as formas de organização ficaram mais opacas e pulverizadas. Um fato incomum começou a ser notado e ele poderia ser mencionado lembrando um célebre livro sobre movimentos sociais no Brasil de Eder Sader que leva o título de *Quando novos personagens entraram em cena* (1988). No caso ele se referia às décadas de 1970-1980 e à presença dos trabalhadores em lutas sociais em pleno regime ditatorial[4]. Nos protestos atuais há também *novos personagens* que raramente se manifestam nas ruas, e que raramente rompem com a ordem. Trata-se de uma classe média de jovens mais ou menos avessos a

[4] Eder Sader trata do estranhamento gerado por esse segmento social nos movimentos, com seus novos comportamentos, e em geral desqualificados por sua despolitização e ausência de escolaridade, desqualificação essa que irá mais tarde (e ainda) atingir o líder operário Lula, que virá a ser presidente.

movimentos abertos e públicos, normalmente vistos como conservadores. Suas demandas se misturaram a outras mais comuns nas ruas. Assim, demandas como segurança, diminuição de impostos e, ao mesmo tempo, clamores por subsídios e políticas públicas se contraditaram e se irmanaram nos protestos. Muitos viram nessa composição de segmentos diferentes da sociedade, uma polifonia caótica de reivindicações díspares e contraditórias que enfraqueceria o movimento, pois haveria em seu interior demandas sérias e outras apenas oportunistas, ou mesmo antidemocráticas. Outros já viram nessa multiplicidade de vozes a expressão clara de uma crise na estrutura democrática do regime político, mais propriamente uma crise no mecanismo de representação política.

É muito provável que para encontrar algum sentido nesses protestos os analistas devam ser mais modestos. Talvez devam experimentar análises menos globalizantes, tais como as da esquerda ortodoxa que vê uma mecânica transcendental nos movimentos de ascensão e descenso dos movimentos populares, e procurar pistas e sinais mais parciais[5].

Seguindo essa trilha mais modesta o fenômeno da classe média conservadora envolvida nos protestos pode ser percebido como um dado novo apoiado pelas redes sociais informatizadas. No Brasil, esse segmento nunca encontrou um ambiente confortável para protestar enquanto movimento, para se organizar e encontrar demandas comuns. As ruas eram vistas como monopólio de movimentos mais influenciados por posturas de esquerda. Certamente havia aí uma dose de rejeição ideológica, mas havia

[5] Uma proposição epistemológica exposta com muita propriedade pelo historiador Carlo Ginzburg In *Mitos, Emblemas e Sinais* (2002, p. 143).

também uma dose de estranhamento cultural. Algo se rompeu com esses protestos, e a diversidade do país se expressou num mesmo movimento nas ruas exigindo mudanças diferentes (até filosoficamente), mas que podem ter algo em comum.

As razões dos protestos e a estranha democracia

Se levarmos a sério a primeira e mais nítida oposição que aparece nos protestos *(por introdução de políticas públicas nos transportes urbanos X contra gastos abusivos e inúteis na estrutura de eventos esportivos do futebol e das Olimpíadas)* podemos entender isso como um sintoma de algo de grande amplitude e nesse acaso não há contradições entre reivindicações dos segmentos mais à esquerda e os mais à direita. Os movimentos e protestos populares, com sua diversidade inerente, parecem sinalizar a intenção de serem os protagonistas do desenvolvimento do país e não apenas coadjuvantes. Chega de investimentos não decididos pela população em detrimento de outras necessidades (afinal o país possui um mar de carências e precariedades dolorosas em compasso de espera); chega de avaliar a condição do país somente pelo viés economicista gerando um ufanismo que em confronto com a complexidade dos problemas sociais, perde todo sentido; chega de balizar as ações políticas tendo como referência se elas afetarão ou não o prestígio dos governantes; chega de elevar a imagem dos governantes e do país com enormes gastos publicitários e com o *marketing* político. Há, assim, agora no país uma disputa pelo protagonismo dos rumos do desenvolvimento.

Um fato marcante é outro sintoma da alienação percebida no modo como os governantes e o estado estão conduzindo o

desenvolvimento do país. Os protestos começaram por uma questão que implica diretamente no cotidiano das populações urbanas do país. As cidades brasileiras são cruéis com seus moradores. Mais com os pobres evidentemente, porém os mais ricos também não estão felizes. Pois, as ações políticas no Brasil recente ignoram essa dimensão da vida, ignoram o presente mais imediato, o cotidiano. Nesse caso a economia parece mais do que nunca uma abstração, pois indo bem ou mal, os males brasileiros nas áreas urbanas permanecem, e um deles é a questão da mobilidade urbana. Outro é a brutal segregação urbana, seguramente implicada na violência que atinge os bairros pobres e na criminalidade que afeta os mais endinheirados. A lista é grande e quase que intocada pelas ações governamentais. No Brasil pensa-se mais no futuro do que no presente.

A disputa pelo protagonismo do que se deve fazer imediatamente entre os movimentos populares (plurais e com pautas variadas) e as forças políticas institucionalizadas tem levado alguns analistas a afirmar que o Brasil parece entrar em novo ciclo, no qual a política, o governo representativo e a democracia estão desafiados a se fortalecer e a se reinventar. Mas, vale assinalar que a rigor a democracia não está sendo desafiada: *é ela que está desafiando*. Os movimentos e os protestos populares não ameaçam a democracia, eles são a democracia em si. Eles mostram que a sociedade tem energia democrática e que esta sim está ameaçada por um regime político cuja maneira de produzir alianças que desmoralizam os programas partidários tira sua eficácia e o

paralisa, assim como torna a representação política uma farsa.[6] Cidadãos e habitantes do país mais à esquerda ou à direita, progressistas e conservadores sentem-se alijados. Aqui vale lembrar uma percepção interessantíssima do filósofo Claude Lefort no seu trabalho *Éléments d'une critique de la bureaucratie*. Nele o autor enuncia um par conceitual referente ao mundo democrático: a imanência e a transcendência. Ele trata dos paradoxos de uma sociedade que perdeu a consciência do fundamento democrático como *imanência*. A naturalização (a burocratização) do regime político teria obscurecido esse fundamento e de fato, os que pensam os protestos populares como algo contra a sociedade e a democracia, talvez pensem que a democracia origina-se nas instituições e na ordem estabelecida. Os que pensam assim estão tão imersos no ambiente político burocratizado (na *transcendência*) que são como peixes no aquário, incapazes de pensar sob outra perspectiva. Contudo, é essa inversão que está em cheque nesse momento e isso é por si só uma abertura inovadora para o país.

Os protestos e as perspectivas do país

Os protestos produziram uma série de respostas por parte dos governantes e das instituições políticas e jurídicas: os preços dos transportes urbanos foram rebaixados; obras voltadas para os setores urbanos automobilizados estão sendo canceladas; o Congresso Nacional rejeitou um projeto que alterava a constituição e

[6] Expectativas para as mudanças do país foram condensadas no Partido dos Trabalhadores (originalmente de esquerda), de Lula e Dilma Roussef. As realizações foram poucas gerando uma frustração sem expressão até então. O PT não foi capaz de fazer as transformações sociais na intensidade prometidas, e no momento seu governo encontra-se travado e comprometido por uma forma de aliança paralisante.

que poderia favorecer os corruptos; esse mesmo congresso votou um projeto que pune severamente o trabalho similar à escravidão que estava paralisado pelos representantes dos *agrobusinnes;* o Supremo Tribunal Federal decretou a prisão de um Deputado Federal condenado por corrupção, algo que há muito não acontecia no país e, principal, a presidente da República (Dilma Roussef) está propondo que o Congresso Nacional aprove um *plebiscito nacional* visando uma grande reforma no regime político do país. Algo assim é extraordinário e também não deixa de surpreender. Afinal, governantes surdos e um regime político travado estão cedendo rapidamente a esse novo protagonismo, difuso que seja, da sociedade.

Nada disso, certamente, significa que esse potencial protagonismo da sociedade terá um conteúdo consensual. Isso não é um problema, ao contrário seria impossível mesmo que houvesse grandes consensos no interior de uma sociedade tão desigual sob vários pontos de vista. Daí a necessidade da política, do enriquecimento e valorização de suas práticas, o que não passa necessariamente pelas formas anteriores de institucionalização da vida política. Por isso, reações aos partidos nas manifestações não precisam ser vistas, nesse momento, como algo grave colocando em risco a democracia. Repensar as formas de organização política parece ser saudável e benéfico para a sociedade e vitalizante para a democracia. As próprias formas de liderança das práticas políticas estão necessitando de novos ares, para não se reproduzir logo mais as frustrações anteriores. Tudo isso implica na crítica e na anulação das coalizões obsoletas e dos jogos políticos diversionistas, que transformam a representação política num espetáculo pleno de

escândalos, que abole a possibilidade de políticas produzidas por deliberação da população. E os movimentos e os protestos sociais estão pressionando por essa condição de deliberação, por esse protagonismo do desenvolvimento. O que virá daí ainda não se sabe, mas os movimentos tiraram o Brasil e sua sociedade de sua letargia.